

# A cidade chega à maioria

AD 20366 - A

São exatos 434. O que, cronologicamente parece muito tempo, na verdade, não o é. Para uma cidade, comparando-a com outras milenares existentes em várias partes do mundo, Vitória é jovem, no começo de vida. Mesmo assim, ao longo de sua infância e juventude, ela muito viveu, passou por inúmeras histórias, tem muito o que mostrar, o que dizer a todos. Hoje, quem vê uma cidade moderna, cosmopolita, muitas vezes não imagina o que já passou, como foi a cidade.

Vamos então, contar um pouco do que ela foi.

Uma ilha — que muito mais tarde ganhou uma área continental — Vitória possui exatos 81 quilômetros quadrados, o que a torna num município pequeno para as dimensões de outros municípios do Espírito Santo. Pois foi exatamente nesta pequena ilha que a história começa. Estamos no segundo quartel do século XVI e no seu tranquilo solar de Alenquer, em Portugal, vive um fidalgo também tranquilo: dom Vasco Fernandes Coutinho. O dia é 1º de janeiro. O ano, 1534. Vasco recebe em sua casa um mensageiro do rei. Com ele vinha a boa nova: ele se tornara o donatário de uma das capitâneas na costa brasileira.

Tudo confirmado, Vasco Coutinho partia para uma vida nova. Da tranquilidade de Portugal, buscava a aventura num novo mundo. Mais de um ano depois, a nau capitânea "Glória", chegava ao Espírito Santo e os pioneiros desembarcavam na praia de Santa Maria, situada no município de Vila Velha. Era o início de tudo. Começava-se, então, o povoamento do solo do Espírito Santo. No mesmo ano da graça de 1535 os pioneiros chegavam a Vitória. Primeiro, em Santo Antônio. Depois, na Ilha das Caieiras. O município estava nascendo.

Homem bom, magnânimo, Vasco Fernandes Coutinho quis, também, premiar os seus auxiliares e a forma que encontrou foi dar-lhes parte da terra que El Rei lhe tinha destinado. Foi assim que dom Jorge Menezes ficou com a Ilha do Boi e Duarte Lemos com a Ilha de Santo Antônio, que não era menos que a própria ilha de Vitória.

A terra era para ser ocupada, cultivada e outra coisa, não fez Duarte Lemos. Numa parte alta da ilha instalou sua fazenda, iniciando o cultivo. Eram os primeiros passos de Vitória. A partir daí, ela começou a andar sozinha, começou a crescer e opôs-se à Vila Velha. Como era uma nova vila, chamou-se, primeiro, Vila Nova.

Demos um pequeno salto e chegamos



O bucolismo da antiga cidade, apesar do progresso, ainda persiste em algumas áreas. O mais antigo é lembrado com nostalgia dos bons tempos antigos

ao nome Vitória. Os tupiniquins, índios que antes dos portugueses já eram os donos da terra, não gostaram muito da invasão dos brancos e a eles opuseram resistência e uma resistência feroz. Tanto é assim que da posse da terra até a derrota dos índios foram mais de 30 anos. Como a batalha final foi feroz, os novos donos referiam-se à terra como ilha da Vitória. O nome acabou ficando e pegando e a nova terra ficou sendo Vitória.

A partir daí, as coisas se sucedem. Afastado o perigo dos índios os novos habitantes não ficaram assim tão tranquilos. Acossados e assediados pelos estrangeiros, eles tiveram de lutar para manter sua terra. Em 1561 foram os franceses. Depois, vieram os ingleses. Alguns anos mais tarde novamente os franceses e, não satisfeitos com a primeira derrota, voltaram os ingleses e, mais uma vez, foram derrotados. Na virada de um novo século a disputa foi com os holandeses. Eles chegaram a ocupar a cidade, mas tal como aconteceu com outros estrangeiros, acabaram sendo expulsos. Nessa guerra, a cidade ganhou, também, a sua primeira heroína: Maria Ortiz.

O que contam é que ela, valente, aproveitou-se de um tacho de água ferven-

te e o derramou sobre a cabeça do almirante Pieter Heyn. Escaldado, o almirante não teve muito ânimo para a luta. Aproveitando-se da oportunidade, Maria Ortiz incentivou os moradores a expulsar os holandeses, o que acabou acontecendo.

Se perderam uma batalha os holandeses não tinham, ainda, perdido a guerra. Em 1640, com uma jovem cidade de menos de 100 anos, eles voltaram. Comandados pelo almirante João Delchi, com 11 barcos, eles fundaram na Baía de Vitória e tentaram novamente conquistar a ilha. A batalha foi sangrenta e nele mais de 300 holandeses foram mortos e os atacantes rechaçados. Do lado dos portugueses, apenas três mortos. A vitória foi completa.

No segundo século de colonização a vila desenvolveu-se, ganhando novas casas, abrindo novos caminhos e tendo o seu comércio intensificado. A pequena vila começava a ganhar novos foros, sendo que em 1722 já fazia parte de uma circunscrição judicial, não mais dependendo do Rio de Janeiro como acontecia antes. É também do século XVIII a instituição da primeira aula pública. Em 1741, a vila tinha pouco mais de 5 mil habitantes, que desconfiados das muitas guerras que tiveram de fazer, começaram por fortificar a

ilha, com a implantação de vários fortes.

Mesmo assim, a situação da vila não é das melhores. Em 1746 o ouvidor Mateus Nunes visitou Vitória. É dele o seguinte depoimento: "Aqui não há cadeia, nem casa da Câmara, por terem caído todo, e não cuidaram os meus antecessores na sua reedificação em tempo mais suave, se bem que a falta de meios seria então a causa, pois a Câmara não tem rendimento algum, e por esse motivo não tem alcaide, por não haver dinheiro para se lhe pagar o seu ordenado, como não se paga o escrivão da mesma Câmara".

Nem por isso a cidade deixou de crescer. Tanto é assim que em 1755 foi concedida provisão episcopal para a construção de uma nova igreja, a de Nossa Senhora da Conceição da Prainha. Ela ficava onde hoje está a confluência da Rua Graciano Neves com a Praça Costa Pereira. O relato histórico fala em uma matriz "espaçosa e bem construída", já existente na cidade antes da construção da nova igreja. Também é do século XVIII a construção da Igreja do Rosário, levantada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

No início do século XIX, Vitória era descrita como uma vila pobre, sem diver-



timento, onde as mulheres fiavam algodão durante o dia para ganhar alguns vinténs. Funcionava, já, uma alfândega provisória, criada por imposição do crescente movimento de importação e exportação de mercadorias.

A alfândega funcionava no antigo Colégio dos Jesuítas, onde hoje funciona o governo, o Palácio Anchieta. Também ali funcionava a Câmara Municipal, onde foi jurada a constituição do Império. O governo começou a funcionar no Anchieta no século XVIII, com a instalação da Secretaria da Presidência da Província. Nesta época, Vitória já havia se transformado em comarca e na classificação episcopal, era classificada como Arciprestado. No último decênio deste século, foi criado o bispado do Espírito Santo pelo papa Leão XIII.

O progresso, a transformação da cidade em metrópole, começou no início deste século. Vitória perdeu as características de vila, transformando-se, em definitivo, numa cidade. A expansão marcou o surgimento dos primeiros bairros, como Jucutuquara e Maruípe. A cidade começava a expandir-se horizontalmente, ocupando maior espaço, ganhando novas vias, novos prédios. Também no início do século XX foi construída a ponte que ligou, primeiro, a cidade ao continente. Feita na administração de Florentino Avidos, muitos anos depois, a ponte acabou ganhando o seu próprio nome e ainda hoje liga Vitória ao continente.

A partir daí, tudo se sucedeu até que a cidade virou, nos anos 60 e 70 deste século, pólo de desenvolvimento. Foi assim que nasceram, por exemplo, o Porto de Tubarão, para o embarque de minério, e várias indústrias de grande porte. Para Vitória afluíram pessoas de todas as partes do país e do estrangeiro: japoneses, italianos, alemães aqui chegaram para o acompanhamento dos projetos e aqui se instalaram para ajudar na sua implantação.

A cidade passava a sua puberdade e começava, então, a sua juventude, caminhando para o seu amadurecimento.



AJ 20366.2



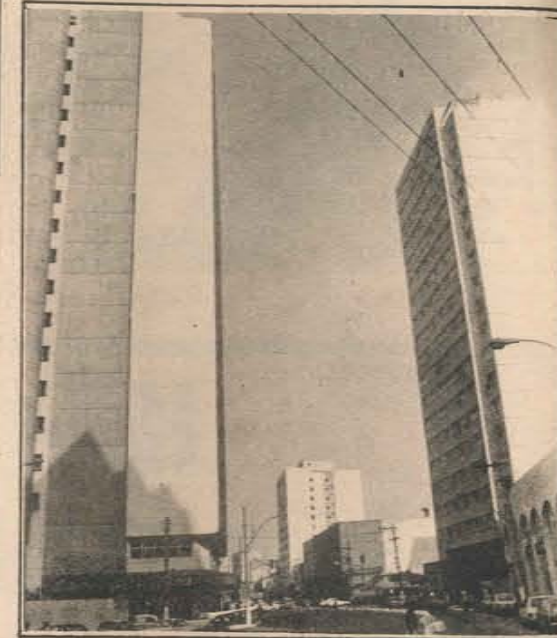
Espremida entre a montanha e o mar, a cidade cresceu na vertical, expandindo-se com a construção de novos edifícios



Fotos de Luis Pajá



O antigo descampado da Esplanada Capixaba, conquistada ao mar, hoje conta com modernos edifícios



Na Jerônimo Monteiro, o centro nervoso

# Hoje, uma cidade moderna

A cidade todos já sabem como nasceu. Mas como tornou-se ela uma unidade administrativa? Isso não está bem claro. Uma certeza existe: a fundação da cidade foi feita em 1545, portanto há exatos 434 anos. Mas e o distrito, quando surgiu? Quando é que ele foi transformado em município? Ai as coisas começam a se complicar.

Registra a história que a sede recebeu fôros de cidade em virtude de um decreto imperial de 24 de fevereiro de 1823, mas já então a vila de Vitória era a capital da província do Espírito Santo. A confirmação da criação do município foi feita no mês de março do mesmo ano. A partir daí não se falou mais em mudança.

estendia a parte do atual Estado do Rio de Janeiro.

## ASPECTOS FISICOS

De Vitória já se disse que é uma cidade espremida entre a montanha e o mar, daí sua necessidade de crescer verticalmente. Mesmo assim, Vitória não é uma ilha, mas cinco. Vitória é a principal. Depois, temos as Ilhas do Príncipe, a do Boi, a do Frade e a Ilha das Caieiras. Hoje, apenas a Ilha do Frade, mesmo ligada ao continente, ainda mantém suas características.

O que pouca gente sabe é que mesmo cercada de morros, Vitória não tem pontos muito altos. O ponto culminante da ilha é o pico Frei Leopardi, com 296 me-

hoje. Aos poucos, novos bairros foram surgindo, sendo povoados. É o caso, por exemplo, de Jardim da Penha, um bairro de classe média. Depois, com Jardim Camburi, que levou o município para mais longe.

Se os bairros

cresceram e alguns nasceram a própria cidade mudou. Os edifícios foram surgindo, em dá lugar as casas mais antigas. Cumprindo o vaticínio de estar espremida entre a montanha e o mar, a cidade encontrou o caminho da vertical,

expandindo-se com novos e mais imponentes prédios.

Nessa transformação, alguns bairros mudaram. É o caso, por exemplo, da Praia do Canto. Bucólico, tranquilo, local tradicional, ele transformou-

se com a própria cidade. Hoje, o comércio convive com belas residências, agências bancárias, hotéis e centros comerciais. Nem por isso, o centro da cidade perdeu importância. O que aconteceu foi que o crescimento levou a cidade a expandir-se, espriar-se mais.

Já neste século,



Já neste século, quando em 1911 foi feita uma nova divisão administrativa do Estado do Espírito Santo, Vitória apresentava-se com os distritos de Carapina e Queimados. Trinta anos depois, perdeu os dois para o município da Serra e ganhou, talvez como compensação, os distritos de Argolas e Goiabeiras.

Se ganhou em 43, perdeu em 47, quando Vila Velha voltou a ser município, ficando em sua atual configuração. No âmbito judiciário, a comarca de Vitória nasceu em outubro de 1741, com a denominação de Comarca do Espírito Santo. Sua instalação, no entanto, só se deu dois anos mais tarde e sua jurisdição se

Leopardi, com 296 metros de altitude. Para quem é mais jovem, e não viu a antiga configuração da ilha, é bom lembrar que a Avenida Beira-Mar foi conquistada ao mar. O mesmo acontecendo em relação ao local onde hoje está sendo construída a Terceira Ponte.

Também o início da Avenida Elias Miguel, onde fica o Mercado da Vila Rubim, foi conquistado ao mar. Com isso, a Ilha do Príncipe ligou-se ao continente. Depois, foi a vez da Ilha do Boi e, mais recentemente, da própria Ilha das Caieiras, que foi sendo ocupada e acabou interligada a ilha principal.

Essas modificações é que transformaram Vitória no que é



O moderno, aos poucos, conquistou o antigo

**Edição:** Lino Geraldo Resende

**Texto:** Lino Geraldo Resende, Dório Antunes de Souza, José Nicolau Dal'Col e Zenilton Custódio da Silva

**Diagramação:** Ivanildo Moura

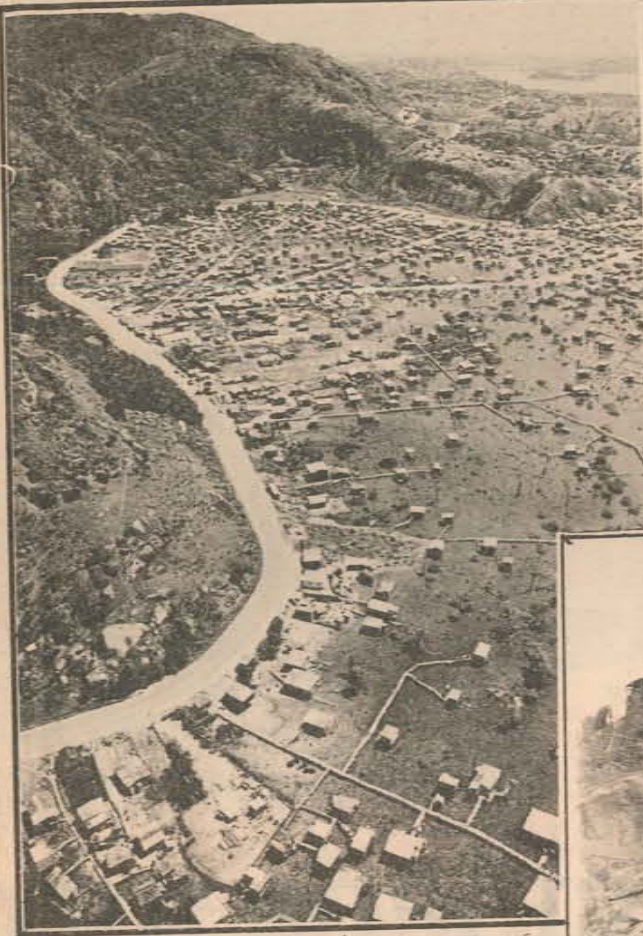
**Fotos:** Heraldo Carneiro, Luís Pajaú e Arquivo AG

**Produção:** PAPEL DE COMUNICAÇÃO S/C LTDA.  
— Rua Pedro Palácios, 104 — Loja D — Telefone:  
222.5035 — Vitória-ES.

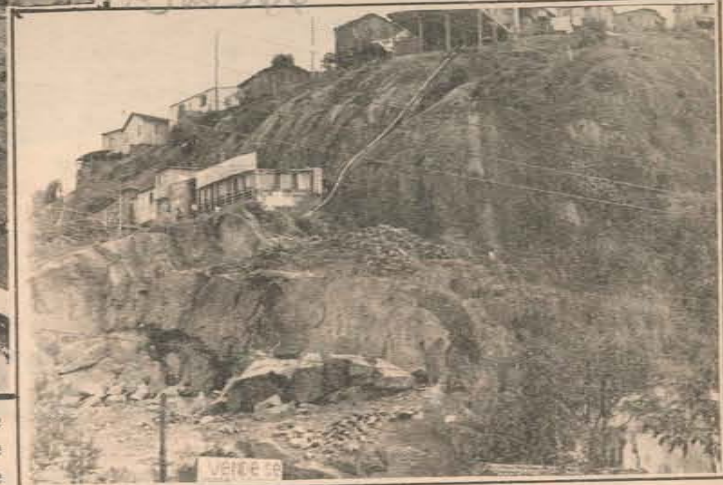




O trânsito tumultuado é problema sério, mas não tem perspectiva de resolução



Os morros cheios e os barracos no mangue são problemas da cidade



# Segurança e pobreza são alguns dos problemas

O lado belo da cidade, por todos reconhecidos, tem sido sempre destacado. O lado problemático, não. Como toda metrópole, Vitória tem problemas e eles são os mais variados. O trânsito é um deles. Esprimida entre a montanha e o mar, a cidade dispõe de poucas vias, algumas apertadas, que dificultam o escoamento de um tráfego que foi crescendo sem que a cidade o acompanhasse.

Tudo isso é agravado pela circulação dos coletivos. Município-pólo de sua região, a Grande Vitória, Vitória é terminal de coletivos dos municípios de Vila Velha, Serra, Cariacica e Viana. O número de ônibus é muito grande e fica maior juntado aos da própria cidade. Isso torna o fluxo de trânsito ainda mais complicado.

O trânsito é um problema reconhecido por todos. O Instituto Jones dos Santos Neves, um órgão

plano, se implantado, permitiria um desafogo no tráfego, deixando maior espaço para os veículos e conseguindo um fluir mais rápido. Ao mesmo tempo, seria aumentada a eficiência do transporte de massa, responsável principal pelo transporte de trabalhadores. Haveria, ainda, uma possibilidade de diminuição de tarifas, já que se conseguiria uma maior eficiência do transporte e uma ocupação maior dos coletivos.

## POBREZA

Escondido do outro lado da Ilha, pouco visto por quem frequenta Vitória, os bolsões de pobreza são outro problema da cidade. Hoje, São Pedro, que começou com um pequeno bairro, com pequena concentração de barracos, espalha-se como uma cidade paralela. São barracos e mais barracos, colocados sobre o mangue onde famílias e mais

de pobreza de São Pedro, um outro problema que Vitória enfrenta é a ocupação dos seus morros. A engenharia não recomenda a construção acima da Cota 40. Em Vitória, isso já foi desrespeitado há muito tempo. Sem espaço para crescer, a cidade foi subindo o morro. Hoje, todos eles estão ocupados. Isso, além do desmatamento que provoca, cria um problema maior: tira a proteção dos próprios morros, tornando-os mais passíveis de deslizamentos e erosão.

Houve pelo menos uma tragédia, a do morro do Macaco, quando uma enorme barreira deslizou e provocou a morte de dezenas de pessoas. Isso cria, também, a nível de poder público, uma maior exigência de manutenção, exigindo investimentos mais pesados em infra-estrutura.



técnico vinculado ao governo do Estado, preparou, há um ano, um longo e minucioso estudo de tráfego urbano para Vitória, principalmente para disciplinar o transporte coletivo. O plano foi chamado de Transcol e engloba não só o município de Vitória, mas os outros quatro municípios vizinhos.

Pelo plano, que ainda não está sendo implantado, o número de ônibus que circula no centro da cidade diminuiria, mas nem por isso o transporte perderia sua eficiência. Pelo previsto, seriam implantadas linhas circulares e, também, linhas de interligação direta entre os municípios. Haveria, também, terminais de distribuição do fluxo de passageiro nos municípios vizinhos, servindo como linhas alimentadoras das principais linhas, as intermunicipais.

Segundo os técnicos, o

manque, onde famílias e mais famílias convivem.

O poder público, que não desconhece o problema, começou, em São Pedro I, o mais antigo do bairro, um programa de urbanização. Ele foi iniciado no governo de Carlito von Schilge e prosseguiu no governo de Berredo de Menezes. Os outros São Pedro, frutos de invasões e ocupação desordenada de terrenos devolutos da União, continuam onde sempre estiveram e continuam crescendo.

Sem condições de adquirir um terreno, comprar uma casa, o migrante, atraído pelo apelo do pólo de desenvolvimento que é a Grande Vitória, acaba caindo na periferia, engrossando os bolsões de pobreza. É o lado feio da cidade, de quem ninguém tem muito interesse em falar, mas que nem por isso deixa de existir.

Idêntico quase aos bolsões

Se tem problema de ocupação de solo, a capital dos capixabas tem, também, uma grande deficiência na área de lazer. Na verdade, o que a população dispõe, hoje, é apenas do Parque Moscoso, sem contar um lazer natural, que é a praia. Mesmo o número de cinemas é pequeno. Teatro, na verdade, só o Carlos Gomes. Sem opções maiores, resta ficar em casa.

A segurança, uma das maiores reclamações dos moradores, é deficiente. A cidade, que já se orgulhou de sua tranquilidade, hoje não dorme e nem vive tão tranquila. Assaltos e violência são comuns. O poder municipal nada pode fazer, já que o problema está afeto ao governo do Estado. O certo é que Vitória, neste aspecto, perdeu o seu bucolismo, e tal como ocorre nas grandes metrópoles, o medo nela se instalou.

## Com os camelôs, a economia invisível

Vitória é uma cidade cercada de camelôs por todos os lados. Em cada canto, em cada esquina, uma banca de camelô disputa com os pedestres um espaço na calçada. É a chamada economia invisível, gerada pelo desemprego

que atinge os mais elementares direitos do cidadão, além de agredir a estética e a liberdade da capital.

Eles chegam com a manhã. Vindos de todos os pontos da periferia, disputam o melhor local

onde instalar suas bancas. O centro da capital merece prioridade absoluta, nos critérios — nem sempre justos — adotados para o sucesso do comércio. Nos pontos de ônibus, em frente às lojas mais movimentadas, enfim em todos os locais, tem sempre um camelô para complicar a vida do desprotegido pedestre da capital.

Andar em Vitória hoje exige muita perícia, agilidade e atenção. Qualquer descuido pode significar um acidente, pois os camelôs parecem não se preocupar com o bem-estar do cidadão. Oferecendo os mais estranhos produtos, a cada dia eles conquistam um maior espaço na geografia da capital.

Além de sujarem a cidade, de dificultar a caminhada dos pedestres, eles abordam as pessoas, às vezes de forma indelicada, prometem milagres mas nunca garantem a força do santo.

Enquanto isto o pedestre se vê obrigado a disputar com os veículos um espaço nas estreitas ruas de Vitória. É a lei do mais forte, ou de quem chega primeiro. E o camelô a cada dia expande mais suas atividades.

É a crise criando o caos. O camelô está contribuindo cada vez mais para dificultar o trânsito das pessoas que circulam pela capital. Neste contexto de desespero pelo ganha-pão de cada dia todo mundo sai perdendo. A cidade não é a mesma de tempos atrás, porque os camelôs estão cada vez mais fortes, livres e independentes.





# O povo gosta de sua cidade



Para José Altino Corteletti, morador de Vitória há 28 anos, a cidade é um dos poucos lugares do país, em termos de cidade de porte médio, onde a qualidade de vida é boa. O capixaba não tem aquela pressa característica de ci-

## Altino considera boa a qualidade da cidade

dades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

— Andando pela cidade, mesmo nos horários de maior movimento é comum ver pessoas andando devagar, outras olhando vitrines e as praças com grande número de pessoas batendo papo. Isto é muito saudável, pois estas pessoas não terão os problemas de stress, comum às grandes cidades. Pena que Vitória não tenha ruas mais largas e mais praças para o lazer da comunidade.

Mesmo com pontos positivos

em relação a outras cidades, Vitória também tem seus problemas. Para Corteletti "Vitória poderia resolver seus problemas de trânsito com o alargamento de suas vias de acesso, pois isto faria com que o trânsito fluísse com mais facilidade e evitaria o estrangulamento que acontece hoje, já que a Ilha de Vitória possui apenas duas saídas. Com a conclusão da terceira ponte e com a implantação do projeto Transcol, vamos ver se estes problemas acabam".

## José Dias quer mais e melhores áreas de lazer

O senhor José Dias, aposentado, apesar de morar no município de Vila Velha, trabalha em Vitória há 26 anos. Ele acha que a cidade não apresenta grandes problemas, apenas deveria ter mais áreas de lazer para utilização principalmente pelas crianças e aposentados.

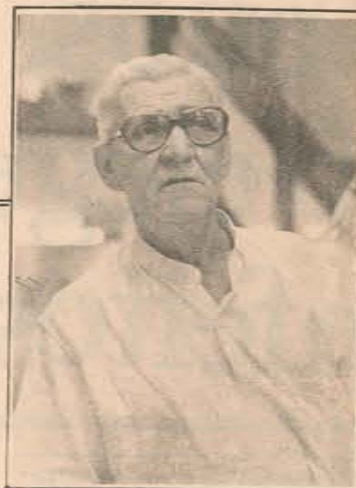
— Outra coisa também fácil de resolver seria o problema de limpeza, que deixa muito a desejar, mas reconheço que a população também não contribui para que a cidade tenha um melhor aspecto. Outro problema de Vitória refere-se ao policiamento, principalmente

nos pontos de ônibus e nas proximidades das agências bancárias, já que os ladrões atacam principalmente nestes pontos.

José Dias enfatizou que "os ladrões conhecem os policiais de Vitória e não agem onde eles estão trabalhando. Uma saída para este fato seria a utilização dos agentes da Polícia Federal, que geralmente são de outros Estados e estão sempre sendo remanejados, o que dificultaria sua identificação e eles poderiam combater com mais eficiência os delinquentes que agem na cidade".



José Dias acha que a população deveria contribuir mais com a cidade



O coronel Alfredo Barroca, oficial reformado da Polícia Militar do Espírito Santo, tem muitas histórias sobre a cidade de Vitória durante este século. Segundo o coronel, seu pai sempre disse que Vitória era uma cidade de contrastes: tinha uma linha de bondes circulares que não circulavam, já que a linha saía do Palácio Anchieta e passava pela Rua Graciano Neves, e tinha seu ponto final perto de onde hoje se localiza o cine São Luiz; tinha uma família Lyrio, cujos componentes eram todos morenos bem escuros e ao invés de quatro estações

## Barroca lembra com saudade a cidade antiga e bucólica

durante o ano tinha apenas duas: calor e vento sul.

— Mas Vitória não mudou apenas na aparência e com a retirada dos bondes. Hoje, por exemplo, tive uma surpresa: fui muito bem tratado quando procurava informações sobre o consumo de água, e contrariando todas as expectativas, o funcionário foi muito solícito e convincente em suas explicações, o que não acontece com frequência nas repartições públicas, frisou o coronel, acrescentando que quase morreu de vergonha pois estava preparando para enfrentar um funcionário carrancudo devido aos seus problemas de salários.

U ma cidade é tão boa quanto o povo que a faz. Sem a sua população, uma cidade não é nada. Vitória também é assim. O seu povo, sofrido ou não, tem opiniões muito favoráveis a ela. Alguns, a vêem ainda com um bucolismo que a metrópole aos poucos vai matando. Outros a entendem acolhedora por terem aqui chegado e ficado e há os que a recordam com nostalgia. Todos, no entanto, a amam. Os problemas são obliterados pelo lado positivo que o município tem, o que a cidade lhes dá. Todos têm, além da cidade, mais alguma coisa em comum: são trabalhadores, que ganham a sua vida no dia-a-dia árduo, no trabalho duro, mas que nem por isso perdem o lado romântico, a visão otimista da cidade.



João Flores, o "Pernambuco"

## "Pernambuco" só quer agora é encontrar paz e a felicidade

João Pereira das Flores, o Pernambuco, 45 anos, solteiro, veio para Vitória há oito anos, tangido pela falta de trabalho em sua cidade natal situada no interior de Pernambuco. Hoje ele é proprietário de uma banca de revistas, localizada em frente ao hospital da Associação dos Funcionários Públicos, na Cidade Alta.

— Eu já tinha um irmão que morava aqui em Vitória. Estando desempregado resolvi tentar a vida no Espírito Santo. No início encontrei um pouco de dificuldade para atuar à frente da Secretaria de Indústria e Comércio e pude repetir a dose à frente da Prefeitura Municipal de Vitória.

facilitou as coisas e hoje já conheço um incontável número de pessoas na cidade. Agora quero encontrar uma mulher que me entenda e procurar a felicidade, já que continuo solteiro apesar de estar na meia idade.



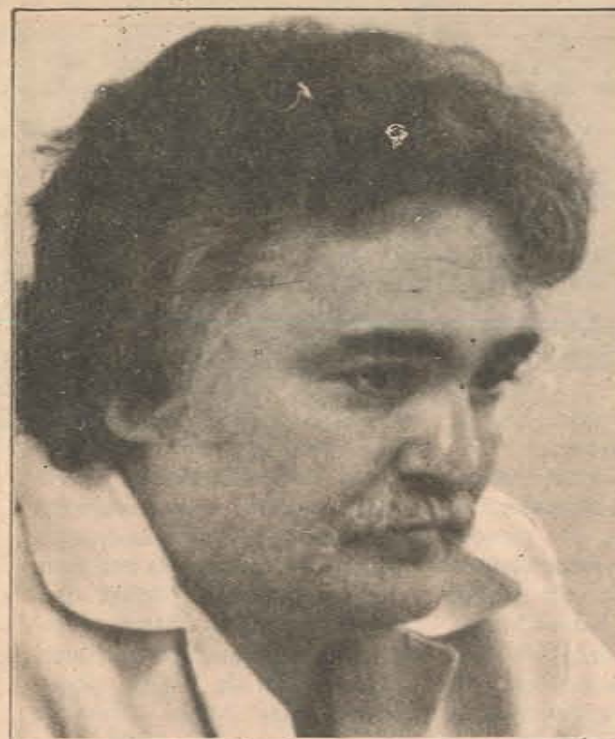




Berredo de Menezes



Crisógono Teixeira Cruz



Wander Bassini



Solon Borges Marques

## Em 434 anos, a cidade só elegeu dois prefeitos



Setembrino Pelissari



Adelpho Poly Monjardim

Cidade quadricentenária, Vitória conheceu ao longo dos anos muitos administradores. Primeiro, os próprios presidentes da Província ou do Estado. Os que se dão ao trabalho de repassar a história, vêem que foi Florentino Avidos, no início do século, um dos responsáveis pela forma atual de Vitória, como podem entender que foi no governo de Jones dos Santos Neves que a cidade começou tomar espaço ao mar. Dos prefeitos da época, poucos falam ou se lembram.

As coisas começaram a mudar nos anos 50, já chegando aos anos 60. O responsável por isso, foram as eleições diretas. O período de eleições foi curto, mas mesmo voltando a ter os seus prefeitos nomeados, Vitória tornou conhecidos aqueles que a governaram. O primeiro deles foi, sem dúvida, Adelpho Poli Monjardim.

Prefeito duas vezes, Monjardim foi o primeiro administrador eleito por Vitória e cumpriu um mandato de dois anos. Depois dele, veio o radialista Solon Borges Marques. Vinculado ao antigo PTB, Solon venceu todos os seus adversários e assumiu a Prefeitura.

Quatrocentos e trinta e quatro anos são um bom tempo. Pois ao longo de mais de quatro séculos Vitória fez, para prefeito, somente duas eleições. Na primeira, foi eleito o escritor Adelpho Poli Monjardim. Na segunda, o advogado Solon Borges Marques. Antes e depois, prefeitos

ao governo no bojo de um acordo político e, cumprindo-o, colocou na prefeitura de Vitória o então deputado Setembrino Pelissari. Depois de duas eleições diretas, Setembrino foi o primeiro prefeito nomeado do município.

Pelissari ficou no posto até próximo as eleições. Então saiu para disputar novamente um mandato de deputado estadual. O mandato tampão foi ocupado por Décio Thevenard. Veio, então, uma segunda eleição indireta de governador, sendo escolhido o engenheiro Arthur Carlos Gerhardt Santos. Para a prefeitura, ele escolheu o

nomeados que, nos últimos anos, ganharam o nome de biônicos. O último deles é o vice-governador José Moraes. No próximo ano, ele passa o cargo a um novo prefeito, desta vez eleito pela população. No cargo durante maior ou menor tempo, os ex-prefeitos têm opinião formada sobre a ci-

Foi ele quem completou, na qualidade de interino, o mandato, saindo junto com o governador Eurico Rezende.

### NOVAS ELEIÇÕES

Consagrado nas urnas, o governador Gérson Camata viveu um longo processo para a escolha de quem seria o novo prefeito de Vitória. Tanto é assim que nomeou um prefeito interino, o jornalista e economista Vitor Martins. Depois, é que escolheu o nome e a escolha recaiu sobre o advogado Berredo de Menezes. Candidato a senador, o

idade e o que ela precisa. Saneamento, melhoria no trânsito, descentralização administrativa, atendimento à periferia são alguns dos problemas apontados. Dependendo do ângulo em que são olhados, eles são ou não prioritários e foram atacados por quem os defende.

globais do município e dar maior rapidez a sua solução.

É esse programa que ele tem levado aos bairros e aos eleitores. Já o ex-prefeito Carlito von Schilgen, tal como fez em sua administração, entende que a prioridade deve ser dada à saúde e educação. Outro problema que Carlito vê é o do trânsito. Se a saúde é prioridade, Carlito entende que o que deve haver é uma articulação entre município, Estado e União de forma a se unir meios e recursos, proporcionando um melhor atendimento à população.



Adelpho Poly Monjardim



Carlito von Schilgen

eitos nomeados, Vitória tornou conhecidos aqueles que a governaram. O primeiro deles foi, sem dúvida, Adelpho Poli Monjardim.

Prefeito duas vezes, Monjardim foi o primeiro administrador eleito por Vitória e cumpriu um mandato de dois anos. Depois dele, veio o radialista Solon Borges Marques. Vinculado ao antigo PTB, Solon venceu todos os seus adversários e assumiu a Prefeitura. Foi, também, o último prefeito eleito de Vitória.

Fora da política, hoje, mas ainda vinculado ao setor público — é o superintendente da Câmara de Vitória — Solon fez uma carreira maior na política, embora não tão bem-sucedida quanto à sua candidatura a prefeito. A partir daí, o jogo foi mudado. Com a revolução de 1964 e sob a argumentação que o prefeito deveria ser uma pessoa afinada com o governador, Vitória voltou ao esquema antigo e seus prefeitos foram, desde então, todos indicados pelo governador.

### PRIMEIRO

O governador do Estado era Cristiano Dias Lopes Filho, eleito pela revolução de 1964. Cristiano chegou

ções diretas, Setembrino foi o primeiro prefeito nomeado do município.

Pelissari ficou no posto até próximo as eleições. Então saiu para disputar novamente um mandato de deputado estadual. O mandato-tampão foi ocupado por Décio Thevenard. Veio, então, uma segunda eleição indireta de governador, sendo escolhido o engenheiro Arthur Carlos Gerhardt Santos. Para a prefeitura, ele escolheu o também engenheiro Crisógono Teixeira da Cruz. Tal como Arthur, ele ficou todo o mandato à frente da administração municipal.

Com a indicação do deputado Elcio Álvares para o governo, o deputado Setembrino Pelissari mais uma vez voltou à prefeitura, sucedendo Crisógono. No final, brigado com o governador, ele foi substituído por Wander Bassini, que cumpriu o restante do mandato e entregou a prefeitura ao médico Carlito von Schilgen, o escolhido do novo governador, o senador Eurico Rezende.

Indicado, com as bênçãos do governador, para ser o candidato do seu partido ao governo, já em eleições diretas, Carlito deixou a Prefeitura entregando-a a um prefeito interino, o ex-presidente do Banestes, Rudi Maurer.

### NOVAS ELEIÇÕES

Consagrado nas urnas, o governador Gérson Camata viveu um longo processo para a escolha de quem seria o novo prefeito de Vitória. Tanto é assim que nomeou um prefeito interino, o jornalista e economista Vitor Martins. Depois, é que escolheu o nome e a escolha recaiu sobre o advogado Berredo de Menezes. Candidato a senador, o segundo mais votado do seu partido, o PMDB, Berredo conseguiu o apoio total à indicação do seu nome.

Escolhido, com o advento da Nova República, para uma diretoria da Caixa Econômica Federal, Berredo deixou a Prefeitura e passou-a ao vice-governador José Moraes. Com a volta às eleições diretas, caberá a Moraes, no próximo ano, entregar o município ao novo prefeito, agora eleito novamente pela população.

Dos prefeitos — pelo menos os últimos — que passaram pela administração municipal, o que eles pensam. Um deles, Crisógono Teixeira da Cruz, que concorreu novamente ao cargo por eleição direta e é dado como o favorito na disputa, tem um programa que fala na descentralização da administração, como forma de se olhar os problemas

E esse programa que ele tem levado aos bairros e aos eleitores. Já o ex-prefeito Carlito von Schilgen, tal como fez em sua administração, entende que a prioridade deve ser dada à saúde e educação. Outro problema que Carlito vê é o do trânsito. Se a saúde é prioridade, Carlito entende que o que deve haver é uma articulação entre município, Estado e União de forma a se unir meios e recursos, proporcionando um melhor atendimento à população.

Com uma administração voltada para a periferia, o ex-prefeito Wander Bassini entende que é mesmo a periferia quem deve ter a prioridade da administração. Segundo ele, o que o poder público tem a fazer é dar aos bairros periféricos um mínimo de infraestrutura e serviços que, hoje, eles não têm.

Não é o que pensa o ex-prefeito Setembrino Pelissari. Preocupado com o saneamento básico de Vitória, de que cuidou em suas duas administrações, Pelissari acha que a prioridade número um do município é, exatamente, o de saneamento básico, começando com o problema de esgotos, hoje quase todo ele ligado à rede de águas pluviais.

## Emcatur coloca postos para informar turistas

Vitória cresceu tanto nos últimos anos que a Emcatur resolveu instalar cabines que prestam informações turísticas. Já estão instaladas e em pleno funcionamento cabines na Praça Costa Pereira; Av. Jerônimo Monteiro, em frente à Codesa; na Rodoviária e no Aeroporto. Delza Amélia de Mattos Feitosa, uma das recepcionistas da Emcatur informou que os pontos turísticos mais procurados pelos turistas são: Catedral Metropolitana, Teatro Carlos Gomes, Parque Moscoso, Túmulo do Padre Anchieta; Palácio do Governo, Solar Monjardim e o Antigo Colégio São Tiago, onde hoje funciona o Colégio Maria Ortiz.

— Mas os turistas também gostam muito da área litorânea, principalmente as praias da Costa e de Camburi, além do Convento da Penha, que também é muito pro-

curado. Damos também informações sobre os hotéis da cidade e sobre os restaurantes que servem comida típica, além de outras informações de interesse dos turistas que visitam nossa cidade.

Em relação aos pontos negativos apontados pelos turistas, segundo Delza, o serviço de táxi da cidade gera muitas reclamações, seja pelo mau atendimento por parte destes profissionais, seja pela não-observância dos valores registrados no taxímetro, chegando alguns ao absurdo de cobrar o retorno quando levam o passageiro ao aeroporto. Fora estes abusos, ainda segundo Delza, os turistas que nos visitam elogiam muito a cidade e principalmente acham barato o custo de vida do Espírito Santo em relação a outros Estados.



Nos postos, o turista obtém informações sobre a cidade e o que ela tem





## Café e porto, muito importantes

O desenvolvimento de Vitória, ao longo de todos os anos, foi marcado pelo sistema portuário. Mesmo durante a colonização a exportação foi um dos movimentos básicos da jovem cidade, com o envio da cana-de-açúcar e do ouro. Depois, já mais tarde, o porto passou a viver o ciclo do café e, mais uma vez, o porto foi importante para ele.

O café, já o provam estudos feitos por historiadores e economistas do Espírito Santo, foi o responsável pela própria transformação econômica do Estado, alargando a ocupação do Estado e lhe dando um impulso econômico muito forte.

Vitória desde o início, foi a capital. Mas, durante o auge do ciclo do café, ela perdeu a sua primazia econômica para

Cachoeiro de Itapemirim, onde se concentrou a plantação da lavoura. A exportação, no entanto, era sempre feita por Vitória, primeiro, no cais de Argolas. Depois, na própria cidade.

Com o ciclo do café veio, também, a implantação da primeira ferrovia, com a Leopoldina entrando em funcionamento e fazendo o escoamento da produção do sul do Espírito Santo para Vitória. Depois, foi a vez da Estrada de Ferro Vitória-Minas, que trouxe o minério, criou condições para a implantação do Porto de Tubarão e transformou o Estado em, definitivamente, em vocacionado para o sistema portuário.

A moderna história do porto de Vitória começa mesmo, neste

século. No início do século, foram construídos os primeiros metros do cais de Vitória. Obra grandiosa, ela começaria por mudar a paisagem da cidade, já que obrigou o aterro de uma faixa da praia, criando o espaço necessário para a implantação do porto.

A produção do café injetou dinheiro na economia do Espírito Santo propiciando-lhe condições de crescimento econômico e levando-o à implantação das primeiras indústrias. Forçou, ainda, o desenvolvimento do próprio comércio. Como Vitória era o centro administrativo do Estado, por onde tudo passava, foi ela quem se beneficiou com este desenvolvimento.

Principal porto do Estado, aqui se concentrou a maior riqueza.

Aqui é que se concentraram exportadores, comerciantes e por aqui é que a moeda circulou em maior intensidade. O desenvolvimento de Vitória beneficiou, também, outros municípios.

Hoje, o café continua sendo um componente muito importante na economia do Estado e, também, de Vitória. É por aqui que passa a maioria da exportação de café e é aqui que estão instaladas algumas das maiores empresas exportadoras do produto, como Tristão e Unicafé.

A riqueza que o café impulsionou tornou Vitória na capital econômica do Estado, trouxe para a cidade novos complexos industriais e propiciou, ao mesmo tempo, o seu inchaço, com um explosivo aumento da população.

Fez, também, que os municípios vizinhos fossem, todos eles, interligados, formando uma grande região metropolitana.

O desenvolvimento beneficiou outras regiões, levando para elas indústrias e outros benefícios, mas a capital do Estado continua detendo a primazia de ser o centro de tudo. E uma prova disso são os próprios índices de arrecadação de impostos, uma vez que a cidade, sozinha, é responsável por um terço da arrecadação do Estado.

Tudo isso, contudo, não fez com que ela perdesse a sua vocação portuária. Do primeiro e rústico porto, ela ganhou, nos dias de hoje, um dos maiores complexos portuários do país, de onde tudo se exporta e tudo pode ser exportado.

Na combinação de café com o porto, um dos referenciais do desenvolvimento econômico do Estado. Os dois foram muito importantes neste processo



## Comércio de Vitória evolui, apesar da crise

Já vai longe o tempo em que o comércio de Vitória tinha como termômetro o pagamento do Governo ao funcionalismo público. Ou do desempenho da cafeicultura. Centro de uma região com aproximadamente 1 milhão de habitantes, Vitória é, hoje, o nono mercado consumidor nacional.

A crise econômica não impediu a modernização do comércio de Vitória, especialmente a partir da década de 70, quando atraiu a atenção das grandes cadeias de lojas de magazines (Mesbla, Brastel, Americanas, C e A), e recebeu os primeiros shoppings centers. Do caderninho de anotação de compras mensais, Vitória passou para a era da informática e incorporou toda a tecnologia mais moderna para controle do crédito ao consumidor.

A evolução do mercado

consumidor de Vitória não apenas modernizou o comércio, como também induziu a implantação de um parque industrial basicamente voltado para o mercado local. Destacam-se, nesse caso, a indústria de confecções e a indústria moveleira.

Essa transformação acabou ceifando a existência de alguns pontos tradicionais, como o Britz, o Bar Santos — em sua característica cinquentenária —, e as Lojas Helal. Sobrevive milagrosamente, contudo, a quase centenária Flor de Maio, vendendo chapéus, guarda-chuvas e malas, em pleno coração da Praça Oito. São as contradições dessa ilha, que a fazem fascinante. A convivência harmoniosa do novo com o velho, do moderno com o tradicional, dão a Vitória o charme que a torna um caso de amor para quantos têm a ventura de conhecê-la algum dia.





AJ20366-7



A próxima eleição

# Em novembro, a cidade escolhe o novo prefeito



## Crisógono

Engenheiro, bem-sucedido empresário, Crisógono Teixeira da Cruz é o candidato do PDS, mas conta com o apoio do PFL. Favorito nas pesquisas, ele tem uma proposta de descentralização administrativa e pretende ser, a nível de Prefeitura, o eficiente gerente que comanda um complexo empresarial com pleno sucesso. O seu vice é José Manoel Nogueira de Miranda, o **Nenel**, ex-vereador e figura muito conhecida de toda a cidade. A campanha dos dois está se desenvolvendo

Aos 434 anos, Vitória prepara-se para eleger seu terceiro prefeito pelo voto direto. Até aqui apenas dois comandaram os destinos da capital unidos pelo voto popular: Adelpho Poly Monjardim (1960-1962) e Solon Borges Marques (1962-1966).

Agora cinco candidatos preparam-se para assumir, em 1º de janeiro, um mandato de 4 anos, nascido da vontade popular. São eles: Antônio Finamore Filho, pelo Partido Social Cristão; Crisógono Teixeira da Cruz, pela União Democrática (coligação do Partido Social Democrático, Partido de Mobiliza-

**D**epois de 23 anos Vitória vai escolher novamente o seu prefeito.

— Dentro dessa idéia, o programa está sendo elaborado em conjunto com as populações, especialmente as mais carentes. A defesa do meio ambiente,





Engenheiro, bem-sucedido empresário, Crisógono Teixeira da Cruz é o candidato do PDS, mas conta com o apoio do PFL. Favorito nas pesquisas, ele tem uma proposta de descentralização administrativa e pretende ser, a nível de Prefeitura, o eficiente gerente que comanda um complexo empresarial com pleno sucesso. O seu vice é José Manoel Nogueira de Miranda, o **Nenel**, ex-vereador e figura muito conhecida de toda a cidade. A campanha dos dois está se desenvolvendo mais no corpo-a-corpo com o eleitor. A sua proposta é uma campanha sem sujar a cidade com pichações.

## Hermes

Nascido na rua São João, na Vila Rubim, o economista Hermes Laranja é um expert em questão habitacional, em virtude de uma longa atuação junto ao Inocoop-ES — chegou a publicar um livro sobre A Questão Habitacional.

Eleito deputado estadual em sua primeira investida eleitoral, Hermes não chegou a exercer o mandato no início, porque foi indicado para a Secretaria da Indústria e Comércio, onde se projetou. Seu vice é o também deputado Antônio Pelaes, administrador de empresas e acadêmico de Direito.



## Vitor

Médico de incontida vocação política, Vitor Buaz enfrentou problemas com a repressão durante a Revolução, chegando mesmo a ser preso sob acusação de envolvimento com organizações subversivas esquerdistas.

Como presidente do Sindicato dos Médicos, Vitor Buaz consolidou sua liderança na classe médica. Em 1982 tentou uma vaga na Câmara Federal, mas, o fraco desempenho do seu partido — o Partido dos Trabalhadores — refletiu-se em sua rala votação.



## Jairo

Jornalista, Jairo Régis é o candidato do Partido Comunista Brasileiro, o **Partidão**, recentemente colocado na legalidade. Sem chances de ganhar a Prefeitura, a sua candidatura tem mais o objetivo de ocupar um espaço para o seu partido. É o único a ter uma mulher como vice.

A campanha do Jairo começa a decolar e seu nome ficará mais conhecido a partir do momento em que o rádio e a televisão começarem com a propaganda gratuita. Até agora, a campanha foi no corpo-a-corpo.



## Amúlio

Candidato do quase desconhecido Partido Social Cristão (PSC), o advogado Amúlio Finamore, pretende ocupar um espaço deixado pela insatisfação com os outros nomes. Egresso do PDS, ele está procurando ocupar um espaço, mas a nível do seu partido já se fala em sua substituição devido a problemas de saúde.

No início, ele pensou receber o apoio do PFL, que não lançou candidato. Não o teve. O jeito, agora, é contar com o cacife do seu próprio partido, que não é grande.

Poly Monjardim (1960-1962) e Solon Borges Marques (1962-1966).

Agora cinco candidatos prepararam-se para assumir, em 1º de janeiro, uma mandato de 4 anos, nascido da vontade popular. São eles: Amúlio Finamore Filho, pelo Partido Social Cristão; Crisógono Teixeira da Cruz, pela União Democrática (coligação do Partido Social Democrático, Partido de Mobilização Nacional, Partido Democrata Cristão e Partido Trabalhista Brasileiro); Hermes Leonel Laranja Gonçalves pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro; Jairo Régis, pelo Partido Comunista Brasileiro, e Vitor Buaz, pelo Partido dos Trabalhadores.

As pesquisas de opinião pública indicam no sentido da bipolarização entre Hermes Laranja e Crisógono Teixeira da Cruz — este um ex-prefeito de Vitória, de 1970 a 1974.

## PROPAGANDA

Apesar da Nova República ter implicado em liberalização dos costumes políticos, permanece em pleno vigor a Lei Falcão, criada na Velha República para impedir o debate ideológico nos meios de comunicação. Como aos tribunais compete interpretar a lei e fazer cumpri-la, o Tribunal Regional Eleitoral está exercendo uma severa fiscalização, impedindo a propaganda vedada em lei.

Assim, a população mantém-se praticamente desinformada a respeito do ideário dos pretendentes à chefia do Executivo. Contudo, fragmentos dos programas de trabalho dos candidatos vão sendo divulgados, aos poucos.

Pelo que já se debateu, os candidatos têm delineada sua programação. O candidato do Partido Democrata Cristão, Amúlio Finamore Filho, tem compromisso com a segurança e a família, que considera fundamentais para o bem-estar social. Amúlio Finamore é advogado.

## PDS

Crisógono Teixeira da Cruz foi nomeado prefeito de Vitória durante a gestão do governador Arthur Carlos Gerhardt Santos. Engenheiro, incorporador bem-sucedido, Crisógono governou em plena era do "milagre brasileiro", e, em Vitória, implantou o mesmo espírito empreendedor que configurou aquele período.

Foi durante sua administração que a Prefeitura mudou de sua antiga Sede (atual Praça Ubaldo Ramallete) e ganhou o moderno conjunto da Beira-Mar; a avenida Nossa Senhora dos Navegantes, duplicação da avenida Dante Michelini (com introdução da iluminação a vapor de sódio); recuperação e urbanização do Parque Moscoso; alargamento da avenida Vitória; construção do Contorno de Vitória (rodovia Serafim Derenze) e urbanização da avenida Beira-Mar foram algumas das suas realizações.

Em seu mandato Crisógono criou as regiões administrativas, para des-

**D**epois de 23 anos Vitória vai escolher novamente o seu prefeito. Ao longo de sua história ela só os elegeu em duas vezes. Na primeira, foi Adelpho Poli Monjardim. Na segunda, Solon Borges. Agora, os eleitores, mais de 100 mil, voltarão às urnas para escolher entre cinco candidatos o que irá governá-los nos próximos anos. O favorito, segundo as pesquisas, é Crisógono Cruz, que já ocupou a Prefeitura antes.

centralizar o atendimento aos bairros. Agora acena com a possibilidade de implantar mais subprefeituras, para descentralizar a execução de pequenas obras e serviços de rotina.

## PT

O candidato do Partido dos Trabalhadores, Vitor Buaz, centraliza seu programa de trabalho na participação popular, especialmente das classes marginalizadas até então. A ascensão do PT à Prefeitura iria abrir espaços para as comunidades discutirem o que fazer e como fazer. Vitor Buaz é médico, com penetração nos meios sindicais da sua classe.

## PCB

A proposta dos comunistas do PCB para a Prefeitura de Vitória gira em torno de sua opção de classe, pela elevação social e política dos trabalhadores, que são, na realidade, quem realiza tudo e quem paga por tudo. Daí a intenção do **Partidão** de fazer os investimentos públicos voltarem-se para o interesse de quem trabalha, de quem produz e que tem estado desvalido pelas políticas praticadas pela classe dominante, em seu próprio proveito — explica Jairo Régis, o jornalista que o PCB indicou para disputar a Prefeitura de Vitória.

Ele acrescenta que, sem sectarismo de qualquer espécie, quer o Partidão fazer uma administração que conte com a colaboração dos setores dos demais partidos que, como ele, valorizam a democracia como bem permanente e inalienável de toda a população, mas por cuja quebra sempre os trabalhadores pagam o maior preço.

— Dentro dessa idéia, o programa está sendo elaborado em conjunto com as populações, especialmente as mais carentes. A defesa do meio ambiente, através de providências que se harmonizem com as necessidades do desenvolvimento e da industrialização, é uma das preocupações fundamentais dos comunistas, que sabem que as preocupações ecológicas são as que mais aproximam o homem das lutas pela defesa da paz mundial, preocupação máxima e universal dos comunistas e dos trabalhadores. Governar com o povo, pensam os comunistas, é uma atitude que precisa de embasamento ideológico, para não cair nas armadilhas fáceis do populismo e nas ilusões de uma impraticável democracia direta — ensina Jairo Régis.

## PMDB

O economista Hermes Laranja, deputado estadual, foi escolhido pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro para tentar manter-se no comando da Prefeitura de Vitória. Para companheiro de chapa, Hermes escolheu o também deputado Antonio Pelaes. Dando prosseguimento ao método vitorioso de 1982, Hermes e Pelaes dão prioridade absoluta ao contato com as comunidades, nos bairros periféricos.

A proposta do PMDB é aprofundar ainda mais o processo de democratização do poder, abrindo espaços para que a população influencie nos destinos de sua cidade.

Ex-secretário da Indústria e Comércio, Hermes Laranja caracterizou sua gestão por um forte apoio ao turismo, promovendo a Feira do Barro (divulgando nosso artesanato cerâmico, especialmente a atividade das paneleiras de Goiabeiras); a Feira da Indústria Têxtil; a Feira Modular (móveis artesanais); Festival da Moqueca (consolidando a imagem de Vitória como a capital da moqueca) e o Carnaval dos 100 Anos — considerado um dos melhores carnavais que Vitória já teve.

Por tudo isso, Hermes Laranja deve concentrar suas preocupações no emblezamento e humanização de Vitória, para possibilitar uma arrancada do turismo local. Outra preocupação de Hermes Laranja refere-se à segurança e emprego. Quanto à segurança, pensa em mobilizar as lideranças comerciais e industriais de Vitória para conseguir meios capazes de aumentar o efetivo da Polícia Militar. E, em relação ao desemprego, Hermes pensa em realizar pequenas obras nos bairros, empregando mão-de-obra desqualificada em grande quantidade — faixa onde o desemprego provoca consequências mais dolorosas, pois que atinge pessoas desprovidas de poupança ou patrimônio.